

Reciclagem na Música como Ferramenta para a Criatividade: as Pedrinhas de Arronches e um modelo para atividade de sala de aula

Eduardo Lopes
el@uevora.pt

Rui Quintas
rmjq90@gmail.com

Resumo

Como reflexo da própria existência do ser Humano na direcionalidade da ‘linha do tempo’, a produção artística tem historicamente resultado da concomitância do desenvolvimento de modelos teóricos funcionais e de instantes excepcionais que fomentam progresso e evolução. Na música, o ilusivo e complexo conceito de *criatividade* é usualmente referido como catalisador para os processos de progresso e avanço musical. Este artigo apresenta a prática musical das Pedrinhas de Arronches e de que forma a criatividade associada a procedimentos de reciclagem estão na sua génese e contribuíram para a sua evolução e autonomia artístico-musical. De inspiração nas Pedrinhas de Arronches, propomos ainda uma atividade de sala de aula que estimula a criatividade para a invenção e prática musical.

Palavras-chave: Educação Musical; Música na Comunidade; Improvisação e Criatividade; Percussão

Introdução

As expressões artístico-musicais que fazem uso de objetos do dia a dia para práticas musicais, tendem a ser desvalorizadas, atribuindo-lhes pouco significado para o contínuo processo sociológico de gerar cultura. Por outro lado, algumas obras de pintura e escultura da segunda metade do século XX - utilizando “diferentes” materiais (como sucata, colagens, etc.) - têm sido reconhecidas como obras ícones da contemporaneidade, a par, por exemplo, da arte dos grandes mestres Flamengos. Na arte pré-histórica, pinturas rupestres eram concebidas através de pigmentos e materiais de uso diário na vida do ser humano da altura: como cinza e terra; e produtos animais: sangue, gordura e ossos. Sabemos também que os nossos grandes mestres da pintura europeia do passado, nas suas mais brilhantes obras, muitas vezes usavam como espátula o cabo dos pincéis e mesmo os próprios dedos para alguns detalhes.

Possivelmente refletindo aspectos de uma realidade ulterior da organização do universo (ou do nosso entendimento e percepção deste), a produção e prática artística apresenta-se como um conjunto de “cristalizações” momentaneamente funcionais. O conjunto destas construções resulta na percepção do conceito da funcionalidade *mainstream*. Na área da música, um dos exemplos que pode ser utilizado para expressar o exposto é aquele que aponta Bach como o mestre das regras da harmonia funcional. No entanto, o que melhor descreve e singulariza a sua genialidade artística e estética, são os momentos em

que se desvia das (suas) próprias regras. São então estes momentos, seus procedimentos e materiais, que nas artes contribuem para aquilo que apelidamos de criatividade. Se tentarmos reduzir o conceito de criatividade a uma só definição, poderemos enunciar que criatividade é a realização de algo de forma pouco “usual” e/ou desconstruindo regras. Na realidade, certa resistência à mudança que a criatividade inerentemente fomenta, não é nada mais do que uma reação tendencialmente ideológica e unidirecional, embebida nos processos de criação de cânones e cristalizações culturais, maioritariamente com intuições de afirmação de poder(es). Neste sentido, reconhecemos e assumimos a criatividade como fator constituinte do perfil progressista das artes. Paradoxalmente e como acima referido, a necessidade epistemológica na definição de regras e modelos funcionais, faz com que *criatividade* seja algo de difícil ensino e abordagem metodológica. Criatividade é assim muitas vezes mistificada e quase elevada a um estado de *holy grail* das artes - em que por vezes se refere um determinado artista/músico como podendo ser ‘excente’, mas pouco ‘criativo’.

Parece-nos assim relevante começar por assumir que epistemologicamente nas artes, é igualmente tão importante quebrar as regras, como o desenvolvimento de formulações e das suas respetivas identificações. Nesta linha de pensamento, os próprios exemplos máximos dos nossos cânones (como o referido Bach e John Coltrane) demonstram altos níveis de criatividade, quebrando regularmente regras e procedimentos.

Por diversas razões relacionadas à especificidade histórica dos instrumentos de percussão, certa rudimentariedade é por vezes artisticamente privilegiada, pois tende a inferir a cada exemplar uma sonoridade verdadeiramente distinta. Em inúmeros contextos, percussionistas e diretores musicais preferem a utilização de objetos/instrumentos de percussão mais “simples” do ponto de vista organológico, do que outros de marca reconhecidamente profissional. Um caso bastante recorrente desta prática é a utilização em contextos profissionais de *shakers* rudimentares construídos pelos próprios percussionistas (e.g. recipientes em lata com areias e/ou cereais no seu interior), preferindo até estes a outros de construção em série. É também sabido que o baterista Bob Moses usa por vezes em concertos e master classes, “baquetas” que são ramos de árvores obtidos nas imediações das salas onde se apresenta.

Dentro desta temática, o presente artigo irá apresentar a prática musical das Pedrinhas de Arronches como exemplo de uma expressão musical de essência espontânea e humanamente inata, e como esta poderá fomentar a criatividade para a percussão e educação musical no século XXI. Começaremos por fazer uma sumária caracterização da vila de Arronches. A prática das Pedrinhas não estará seguramente divorciada do passado e do presente das gentes e culturas desta região Portuguesa.

Vila de Arronches – a especificidade do seu contexto

Localizada no interior mais “longínquo” do Portugal do séc. XXI, a vila de Arronches pertence ao distrito de Portalegre, Alto Alentejo, e com uma população residente de cerca de 1900 habitantes. A base demográfica está envelhecida, sendo fruto das contínuas migrações para as regiões cosmopolitas costeiras, onde os jovens encontram uma maior facilidade de emprego, bem como uma maior inclusão às realidades sociais globais dos dias de hoje. A vila de Arronches pertence à freguesia de Assunção, sendo que juntamente com as freguesias de Esperança e Mosteiros formam o concelho de Arronches. O riquíssimo legado histórico desta região, bem do conhecimento e orgulho dos seus habitantes, é parte fundamental da história Ibérica e de Portugal. Nos séculos II e I AC, esta área geográfica terá sido povoada pelos Romanos, sendo reconhecida como um lugar privilegiado por estar situada nas margens da ribeira do rio Caia. A nascente do rio Caia é na Serra de São Mamede, entre a freguesia de Reguengo e São Julião e a freguesia de Ribeira

de Nisa e Carreiras, pertencentes ao concelho de Portalegre. Ao longo do seu percurso, o rio Caia passa pela vila de Arronches, desaguando na margem direita do rio Guadiana em Elvas^{1,2}.

À semelhança de muitas povoações históricas situadas nesta zona do país, sendo pontos avançados para expansão e delimitação de reinos e nacionalidades, a existência de fortificações e muralhas medievais faz parte da paisagem arquitetónica desta típica vila Portuguesa. Para além das imagens de pedra nos postais turísticos e culturais, que de algum modo definem Arronches dos dias de hoje, a vivência diária e a contínua consciência da imponência da pedra, faz seguramente parte do imaginário dos seus habitantes. É interessante refletir, que será na confluência de identidades sócio-culturais e de origem geográfica (pedra e rio) que observamos uma possível génese de contexto para o surgimento da prática das Pedrinhas de Arronches.

O Grupo das Pedrinhas de Arronches – as pedrinhas e sua música

O Grupo das Pedrinhas de Arronches está inserido na Associação do Rancho Folclórico de Arronches (ARFA). Segundo Adelino Caiadas, atual presidente da ARFA, exímio tocador e membro do Grupo das Pedrinhas, a prática de tocar pedras nesta região terá começado com Joaquim Miranda. Em 1925, Joaquim (com 11 anos de idade) era pastor nas margens do Rio Xévora na localidade de Ouguela, concelho de Campo Maior. Enquanto acompanhava o seu rebanho, seria usual o jovem recolher da margem do rio as pedras que lhe pareciam produzir melhor som. Percutindo estas pedras, fazia ritmos em conjunto com os sons realizados pelos chocalhos do seu rebanho, criando assim um suporte musical para cantar, ajudando a passar o tempo solitário da profissão de pastor. Foi em 1981 que os fundadores da ARFA, Manuel Francisco Fonseca “Pipas”, Gil da Conceição Romão, José Francisco Trabuco, José Francisco Velez e Francisco José Tavares, ao saberem da prática de tocar pedras de Joaquim Miranda, resolveram convidá-lo para integrar o Rancho. Fazendo parte da tocata do grupo, imitava o som das habituais castanholas de madeira, substituindo-as pelas suas ‘castanholas de pedra’. A Fig. 1 representa uma possível técnica para tocar castanholas de pedra, técnica esta similar à utilizada para tocar Trancalholas.



FIG. 1 – Castanholas de Pedra

¹ http://fortalezas.org/impressao1.php?&tipo=Conjunto%20de%20fortifica%E7%F5es&ct=fortaleza&id_fortaleza=1891&mda_idioma=PT, acedido em 14 de agosto de 2020

² <https://www.visitportugal.pt/d-portalegre/c-arronches>, acedido em 14 de agosto de 2020

³ Os autores agradecem ao Sr. Adelino Caiadas pela simpatia com que nos recebeu em Arronches e disponibilizou muita da informação descrita neste artigo.

Nos dias de hoje as pedras são recolhidas nas margens do rio Caia, mais propriamente na ribeira de Arronches. Os tocadores de pedrinhas escolhem as de maior dureza, lisas e finas, e em forma de seixo. Ainda segundo Adelino Caiadas, os tocadores procuram uma sonoridade semelhante à de uma bigorna de ferro. Para se obter este tipo de sonoridade, a dureza da pedra terá que ser efetivamente bastante elevada. Do ponto de vista geológico, seixos de rocha grauvaque (Fig. 2), bastante comum na zona de Arronches, talhados e alisados pelo passar do tempo e a erosão hídrica do Caia, tendem a possuir as características ideais para os tocadores das pedrinhas. O tamanho médio dos seixos procurados pelos tocadores é de cerca de 9 x 7 x 1 centímetros (Fig. 3).



FIG. 2 – Detalhe de Rochas Grauvaque
(foto de Paulo Ferreira da Fonseca: <https://www.casadasciencias.org/imagem/6753>, acedido 10 de agosto 2020)

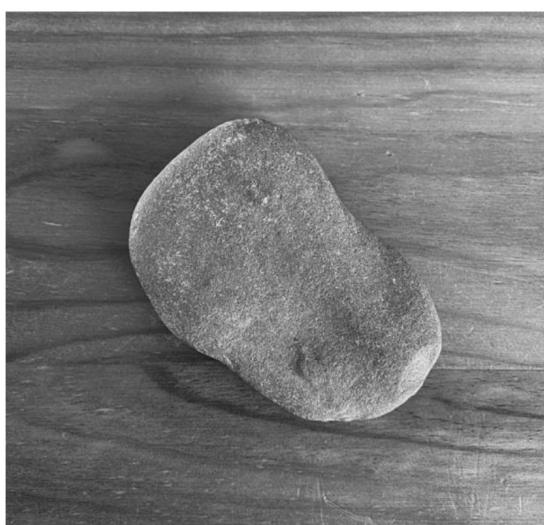


FIG. 3 – Seixo grauvaque de tocador de pedrinhas

No Rancho Folclórico de Arronches, refere-se Carlos do Carmo Maurício como a segunda pessoa a aprender a tocar pedrinhas. Tendo acrescentado uma terceira pedra que lhe facilitava o manuseamento e toque, Carlos Maurício reajustou também a técnica para melhor manusear este novo conjunto de 3 pedras. A partir desse momento a utilização das 3 pedras foi adotada por todos os tocadores de pedrinhas de Arronches (Fig. 4).



FIG. 4 – A Técnica de 3 Pedras

Em 1990 o Grupo das Pedrinhas de Arronches foi oficialmente formado, contando com quatro elementos pertencentes à tocata do Rancho Folclórico: Joaquim Miranda, Manuel Francisco Fonseca, José Francisco Trabuco e Carlos do Carmo Maurício. Enquanto os dois primeiros eram tocadores de pedrinhas, José Trabuco era tocador de gaita, e Carlos Maurício tocava em simultâneo gaita e pedrinhas. A primeira apresentação do grupo foi uma participação para a Rádio Televisão Portuguesa, integrando um grupo pertencente à Escola Superior de Educação de Portalegre. A partir dessa data, o Grupo das Pedrinhas de Arronches tem mantido uma atividade regular, sendo constituído por membros de idades compreendidas entre os 12 e os 97 anos. Hoje em dia, o grupo é usualmente formado por oito elementos: duas vozes (que também tocam pedrinhas); um bombo; um acordeão; uma pandeireta; um bandolim; e dois tocadores de pedrinhas. Estes oito elementos, sem muita formação musical, reúnem-se para ensaios duas vezes por mês, onde trabalham temas de um único estilo musical: a Moda de Saias, estilo tão característico da região norte alentejana. Com um CD editado em 2013, o Grupo das Pedrinhas já percorreu Portugal, tendo também efetuado atuações em Espanha e uma apresentação no Canadá.



FIG. 5 – A Formação Atual do Grupo das Pedrinhas de Arronches



FIG. 6 – Detalhe das Diferentes Gerações de Tocadores de Pedrinhas

A origem do estilo Moda de Saias poder-se-á situar no século XVI como forma de dança palaciana, tendo no século XIX transformando-se em dança folclórica. Nos dias de hoje, a Moda de Saias é referida sob várias perspetivas: como um tipo de canção regional portuguesa; uma dança tradicional; uma forma de canto; ou até uma mistura das anteriores expressões. Para Giacometti e Lopes Graça, a Moda de Saias estava associada a despiques que aconteciam durante os trabalhos no campo aquando das colheitas, bem como em rituais de romance, podendo também ser dançadas em forma de roda em ocasiões de festa e descontração popular^{4 5}.

⁴ <https://www.portugalnummapa.com/moda-de-saias/>, acedido em 14 de agosto de 2020

⁵ <https://elvasnews.pt/as-saias-do-norte-alentejano/>, acedido em 14 de agosto de 2020 informação descrita neste artigo.

Conforme patente na instrumentação do Grupo das Pedrinhas, as Saias são acompanhadas pela reconhecida base dos instrumentos folclóricos Portugueses: como harmónicas; concertinas; acordeões; violas; bandolins; e instrumentos de percussão. Da família dos instrumentos de percussão, os mais expressivos são: o bombo; o adufe; o triângulo; o pandeiro e a pandeireta; e o reco-reco. Nestes instrumentos, podem-se identificar dois tipos de sonoridades: uma mais percussiva (de ataque), e outra de efeito de “rufo” (de duração) – tal como o som produzido pelas soalhas do pandeiro e pandeireta, bem como pelo raspar do reco-reco.

Apesar da razão apontada para a introdução de uma terceira pedra pelos tocadores das Pedrinhas de Arronches ter sido alguma facilidade no seu manuseamento (técnica), a inclusão desta pedra e respetivo ajuste na sua técnica, permite uma melhor realização da sonoridade de “rufo”, mantendo ao mesmo tempo a possibilidade do som percussivo. Deste modo, e já com as três pedrinhas como um único “instrumento”, o arrastar dos dedos pelas três pedras realiza um som de expressão contínua, enquanto os ataques individuais na pedrinha superior produzem sons percussivos. Poderemos assim concluir ter existido um consequente ajuste e evolução no instrumento (pedrinhas) e na sua técnica, de forma a realizar toda a base e sonoridade rítmica pretendida para o estilo musical em questão. Desta feita, as Pedrinhas de Arronches tornaram-se capazes de reproduzir as funções básicas do habitual naipe de percussão popular. Neste processo de evolução, é também comum os tocadores utilizarem uma pulseira de guizos na mão mais ativa, que do ponto de vista tímbrico resulta numa sonoridade mais preenchida, reiterando a expressão de sons contínuos atrás referidos.

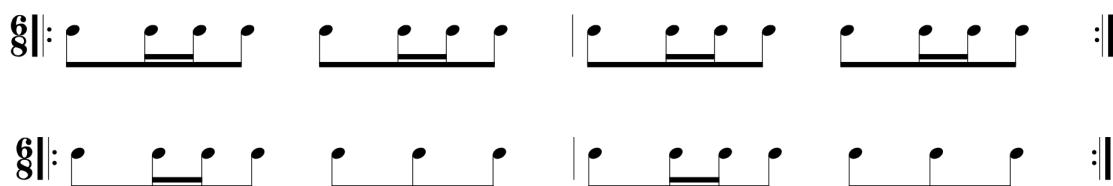


FIG. 7 – Padrões Rítmicos Base das Modas de Saias

A Fig. 7 representa dois exemplos de padrões rítmicos de base das Modas de Saias em métrica de 6/8. A Fig. 8 expressa dois exemplos de bases rítmicas de Saias em métrica de 6/8, como tocadas pelos músicos das Pedrinhas de Arronches. Do ponto de vista da técnica de ‘pedrinhas’, as colcheias são tocadas de forma percussiva, enquanto as células tercina/colcheia são realizadas através do movimento do arrastar contínuo dos dedos pelas três pedras.

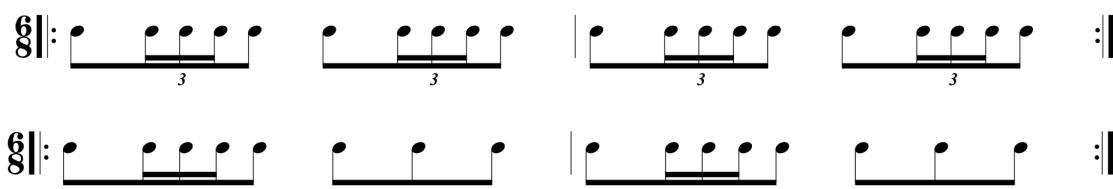


FIG. 8 – Exemplos de Padrões Rítmicos dos Tocadores de Pedrinhas

Através do exemplo das Pedrinhas de Arronches, torna-se também claro a génese de simplicidade da relação do ser humano e meio ambiente (através da cognição), como parte dos processos de engenho e criatividade que levam à criação de práticas e cultura. Aquilo que começou através um jovem pastor, que em momentos mais monótonos da sua atividade, procurou alguma ludicidade através de produzir sons “interessantes” com objetos da natureza, foi posteriormente adaptado e evoluiu organologicamente para a inclusão num contexto musical já existente. Posteriormente, o reconhecimento por terceiros do interesse da prática “encontrada”, contribuiu para a sua evolução, tornando-se uma prática efetiva e funcional, e dentro dela própria insubstituível. Muito mais que uma simples prática ou cultura específica, o exemplo da história das Pedrinhas de Arronches é igualmente um espelho do processo da própria existência e evolução do ser Humano.

Para uma atividade de sala de aula: reciclagem, música e criatividade

Conforme referido, o processo da criação e evolução da prática musical das Pedrinhas de Arronches não é diferente do processo da criação e evolução de outros instrumentos musicais e até mesmo da própria prática musical universal (Marques e Lopes, 2013). Poderemos assim, e através do objetivo e claro exemplo das Pedrinhas de Arronches, elaborar uma atividade prática musical para sala de aula. Relativizando as expectativas de resultados de acordo com idades e graus de experiência musical dos alunos, esta atividade poderá ser realizada por qualquer aluno, com ou sem experiência musical - conforme relatado, os próprios tocadores das Pedrinhas de Arronches não possuem conhecimentos específicos de música. De uma forma genérica, sugerimos que a atividade siga os seguintes passos, tendo como principais objetivos educativos: a cognição e relação com o meio ambiente (natureza e objetos/ferramentas); criatividade para um propósito; realização e evolução de um desígnio inicial.

- A inspiração – contexto sonoro/musical

Como início de atividade, o professor convida o aluno, ou grupo de alunos, a escolher uma ou duas músicas do seu gosto e de qualquer estilo musical. Tendo em conta que esta atividade (e o exemplo das pedrinhas) está mais vocacionada para questões do ritmo musical e percussão, dever-se-á escolher aquela música que marcadamente projete sequências rítmicas. Como referência para este artigo, podemos apontar que as estruturas rítmicas da canção *Happy* do músico Pharrell Williams, faz com que este tema seja um bom exemplo para esta atividade.

- A reciclagem – procura de sons

De seguida, o aluno ou alunos que hipoteticamente escolheram a canção *Happy*, deverão ouvir este tema com uma atenção melhorada, tentando identificar ritmos base e sons que lhes pareçam interessantes para (re)produzirem. Na sequência desta tarefa, deverão procurar e tentar identificar objetos do dia a dia (copos; panelas; colheres; saleiros; garrafas; esferográficas; etc.) e da natureza (areias; cereais; ramos de plantas; etc.) que possam produzir sons similares aos reconhecidos na canção, ou que possam de alguma forma substituir os originais mantendo alguma semelhança sonora. Encontrados esses objetos, os alunos

deverão utilizá-los para acompanhar a canção. Experimentando de forma prática com estes “novos” instrumentos, procurar-se-á aprimorar, quanto possível, a sonoridade e imitação musical.

- Criatividade – evolução

Após a identificação na tarefa anterior dos “novos” instrumentos que melhor se adequam à reprodução rítmica e instrumental no contexto da música *Happy*, os alunos poderão explorar esses instrumentos de forma isolada, procurando diferentes sons e apurando a técnica para mais facilmente os tocarem. Nesta tarefa, poder-se-á ter como objetivo genérico tentar encontrar cerca de três sons diferentes em cada instrumento e ser capaz de tecnicamente produzir estes sons em sequência.

- Um novo instrumento musical

Tendo assim “descoberto” um ou mais (novos) instrumentos musicais, poder-se-á agora acompanhar outros temas musicais. Já sem a necessidade de imitar outros instrumentos, assume-se assim a existência de uma nova sonoridade instrumental musical. Após ter encontrado e desenvolvido mais que um destes (emancipados) instrumentos, poderá compor-se músicas para as especificidades sonoras destes instrumentos, concebendo assim uma nova ensemble instrumental, e até mesmo um novo estilo musical.

Considerações Finais

A história da prática das Pedrinhas de Arronches e a conscientização do seu exemplo, dá-nos pistas reais dos processos de criação de cultura e conhecimento. O génio presente nos Humanos, que se reflete na inspiração e vontade de fazer algo, resulta em processos criativos e inerente utilização das ferramentas/objetos de acesso facilitado, muitas vezes através de reciclagens - nos dias de hoje até mesmo adaptando e reciclando “velhas” tecnologias. Estas ações geralmente resultam em evolução de práticas e conceitos, fomentando e desenvolvendo avanço, conhecimento e cultura. A função basilar da educação Ocidental tem sido a transmissão de conhecimento objetivo adquirido e fórmulas testadas para a resolução de problemas. No entanto e para um melhor equilíbrio daquilo que nos faz Humanos, devemos definitivamente assumir e integrar também como função pilar da educação, o fomento do génio e da criatividade para a procura de algo diferente e até subjetivo – como por exemplo, fazer música com pedras do nosso rio.

Bibliografia

Marques, M. & Lopes, E. (2013). “O Género Musical na Identidade dos Instrumentos”: O saxofone no séc. XX”, in Eduardo Lopes (coord.), *Pluralidade no Ensino do Instrumento Musical*, Fundação Luís de Molina, 149-175.